

LUANA MORAES AMANCIO

**O BRINCAR COMO ATIVIDADE CENTRAL PARA A CONSTITUIÇÃO
DA SUBJETIVIDADE: REFLEXÕES A PARTIR DE CENAS DO
BRINCAR COM UMA CRIANÇA, EM SEU PRIMEIRO ANO DE
TRATAMENTO**

Monografia de conclusão do Curso de Especialização em
Psicologia Clínica: Teoria Psicanalítica
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Adela Judith Stoppel de Gueller

COGEAE – PUC/SP

2016

Resumo

O BRINCAR COMO ATIVIDADE CENTRAL PARA A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE: REFLEXÕES A PARTIR DE CENAS DO BRINCAR COM UMA CRIANÇA, EM SEU PRIMEIRO ANO DE TRATAMENTO

AMANCIO, Luana Moraes. O Brincar como atividade central para a constituição da subjetividade: reflexões a partir de cenas do brincar com uma criança, em seu primeiro ano de tratamento. Monografia. Pontifícia Universidade Católica – PUC, 2016.

Neste trabalho de pesquisa buscaremos articular alguns elementos da teoria psicanalítica a partir de interrogações suscitadas pela experiência clínica da autora. Serão analisados fragmentos presentes em algumas cenas do brincar com uma pequena criança, em seu primeiro ano de tratamento, que assinalam passagens importantes no sentido da constituição da subjetividade, apontando o lugar central do brincar para essas conquistas. Trabalharemos a partir dos ensinamentos de Freud e Lacan, e de psicanalistas que se dedicaram à clínica com crianças e que avançaram ao iluminar os jogos que os bebês e as crianças pequenas realizam com seus cuidadores principais, trazendo novos elementos para pensar os primórdios da constituição da subjetividade e a função do brincar neste processo. Consideramos que é por meio do brincar que a criança se constitui subjetivamente e, por isso, nas cenas que serão apresentadas, falaremos dos jogos nos quais o Outro passa a fazer parte do circuito de satisfação pulsional da criança e dos jogos nos quais aparecem e são articuladas as alternâncias entre presença e ausência próprias do *Fort-Da*, assim como os jogos precursores deste.

Palavras-chave: brincar; constituição da subjetividade; Outro; Fort-Da.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Adela Judith Stoppel de Gueller, pelas perguntas que me fizeram avançar na escrita e pela forma clara e cheia de vitalidade com que transmite a psicanálise. Agradeço também ao Tito, pela oportunidade de fazer parte de sua trajetória.

Sumário

INTRODUÇÃO	1
Breve apresentação do caso	7
CENA 1. O MOMENTO INICIAL DOS ATENDIMENTOS.....	9
CENA 2. JOGAR COM AS DESCONTINUIDADES OU O INÍCIO DO BRINCAR COMPARTILHADO	11
CENA 3. O JOGO DE ESCONDER UM OBJETO E FESTEJAR SEU RETORNO	15
CENA 4. ESCONDE-ESCONDE EM PARCERIA OU O JÚBILO DE SER ENCONTRADO	18
CENA 5. AS TRAQUINAGENS E O RISO COMPARTILHADO NA BRINCADEIRA	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30

INTRODUÇÃO

Quando pensamos em crianças, nos remetemos, quase que imediatamente, às suas brincadeiras, aos brinquedos e ao universo lúdico que as rodeia. Quando falamos em brincar, logo nos lembramos do faz de conta, brincadeira em que as crianças recriam cenas vividas ou vistas por elas (prazerosas ou não), reordenando a seu modo os acontecimentos e os elementos do mundo que as cercam, de forma criativa, autoral. Freud percebeu a seriedade dessas brincadeiras que tanto envolviam as crianças e observou que nelas está presente o desejo dominante de “crescer e poder fazer o que as pessoas crescidas fazem” (Freud, 1920/1996, p.27), desejo este que impulsiona o desenvolvimento das crianças, as projeta para o futuro.

As encenações das crianças as ocupam de tal modo que é impossível não perceber que ali há um trabalho psíquico intenso por parte delas, tanto para entender o mundo em que vivem como para antecipar de alguma forma o que virão a ser no futuro, como irão se posicionar diante dos pares e da sociedade. Fazendo ensaios imaginários, ensaiam respostas aos enigmas que encontram em seu percurso. O brincar pode ser entendido, desta forma, como o próprio trabalho da infância, um trabalho de estruturação da subjetividade (Jerusalinsky, 2011; Gueller, 2013).

Mas, para que este tipo de brincadeira tão rica, cheia de detalhes e acontecimentos como o faz de conta possa acontecer, as crianças precisam ter garantidos, primeiramente, elementos simbólicos que as situem no mundo e precisam saber usá-los de forma metafórica, para reordená-los a seu modo, imprimindo sua marca de forma criativa. Precisam também construir uma imagem de si que as diferencie dos outros, ao mesmo tempo em que as situe como alguém semelhante a eles. Para que possam brincar de serem grandes e se projetar para o futuro, elas precisam, portanto, de conquistas psíquicas anteriores. Os jogos das crianças pequenas, que acontecem antes do faz de conta propriamente dito, preparam o terreno para que esta brincadeira possa surgir, uma vez que neles entram em cena as primeiras operações constituintes da subjetividade.

A teoria psicanalítica elaborada por Freud elucida algumas das operações fundamentais para a constituição da subjetividade e do funcionamento do psiquismo

e as cenas do brincar descritas por ele, assim como outras considerações sobre o comportamento das crianças, são fundamentais para iluminar aspectos essenciais do psiquismo, que estão em franca construção na criança. Apesar de não ter se dedicado exclusivamente a este tema em nenhum texto, o autor se refere a ele ao longo de sua obra, ora para comparar o funcionamento psíquico das crianças ao dos adultos, buscando as origens de certos sintomas ou comportamentos, ora para investigar o funcionamento mental próprio das crianças, estabelecendo hipóteses sobre a função das brincadeiras para o psiquismo das mesmas (Pavone, 2006). Ele não estava ocupado, especificamente, com as questões pertinentes à clínica psicanalítica com crianças, no entanto, suas elaborações foram fundamentais para que este campo de atuação e estudo se desenvolvesse.

No texto *Além do Princípio do Prazer* (1920/1996), Freud analisa o jogo que seu neto Ernest, de um ano e meio, realizava quando a mãe partia. A criança lançava para longe um carretel preso a uma cordinha, fazendo-o desaparecer sob o acortinado de seu berço, para em seguida puxá-lo de volta e comemorar seu retorno. As duas etapas, de fazer o objeto ir embora e de recuperá-lo, eram seguidas das vivazes expressões “o-o-ó” e “dá”, respectivamente, que foram lidas por Freud e pela mãe de Ernest como “fort” (ir embora) e “dá” (ali). A interpretação do jogo, que depois de algum tempo “tornou-se tão óbvia” (p.26) era de que o neto encenava as chegadas e partidas da mãe, enquanto ela estava ausente. O autor relaciona o feito a uma realização cultural e aponta a importância de tal jogo para a passagem da criança de uma condição de dependência absoluta da mãe e da satisfação pulsional imediata proporcionada pelo contato com esta, para uma condição na qual a criança pode lidar de alguma forma com a separação momentânea e a renúncia pulsional que esta exige, compensando-se com seu jogo (Freud, 1920/1996, p.26). Esta possibilidade de fazer renúncias pulsionais em troca de ganhos simbólicos é imprescindível para a vida em sociedade (Freud, 1930/1996).

A representação da mãe ou da relação com esta, em sua ausência, assinala uma conquista simbólica da criança, que permite com que ela se sustente nos intervalos desta relação, nos momentos de separação. O jogo adquire, portanto, uma dimensão essencial para a constituição subjetiva da criança em termos psíquicos e sociais. A possibilidade de lidar com a alternância entre presença e ausência, ingressando no campo das representações simbólicas; as tentativas de

domínio sobre as experiências vividas passivamente e a repetição de cenas traumáticas (desprazerosas) para sua possível elaboração, são algumas das operações que o autor destaca ao analisar o jogo de seu neto no celebre texto de 1920. Vale ressaltar que este jogo, tal como descrito aqui, era a forma completa da brincadeira de Ernest. Antes que ela aparecesse, outras brincadeiras “mais simples” foram feitas pela criança e observadas pelo avô atento. Voltaremos a elas em outro momento.

Na clínica psicanalítica com crianças este tipo de jogo, conhecido hoje como *Fort-Da*, no qual os elementos acima citados estão presentes, tornou-se um sinalizador e um marco da constituição da subjetividade, pelas conquistas simbólicas que ele denota.

Voltando agora à brincadeira de faz de conta sobre a qual falamos brevemente acima, podemos entender que ela só é possível em um momento posterior às conquistas simbólicas do *Fort-Da*, que precisam estar bem estabelecidas para a criança, para que esta e outras importantes brincadeiras possam aparecer ao longo de seu desenvolvimento.

As investigações de Freud sobre o inconsciente e o funcionamento psíquico das crianças abriram caminho para que outros psicanalistas avançassem teoricamente nas questões inauguradas pelo fundador da psicanálise, cada um a seu modo e estilo. Neste percurso, Lacan trouxe uma importante contribuição para a compreensão da constituição da subjetividade na infância. Para este autor, a criança já está inscrita em uma ordem simbólica, antes mesmo do seu nascimento. Esta ordem simbólica refere-se ao desejo dos pais em relação ao filho e à cultura na qual a família está inserida (aos códigos e sentidos que são compartilhados com os semelhantes e aos ideais culturais de uma época ou de grupo de pertencimento). No entanto, para que estas inscrições simbólicas possam operar e ser transmitidas, os cuidadores principais precisam exercer um papel ativo e primordial nos cuidados com a criança, colocando em jogo nesta relação um desejo não anônimo (Jerusalinsky, 2002). Para designar este papel exercido pelos cuidadores principais, usaremos o termo “Outro”, cunhado por Lacan. Outro primordial e encarnado numa presença, que possui, portanto, duas dimensões: uma delas a de ser o representante da ordem simbólica que antecede e define o humano (campo da linguagem, da cultura, das leis) e a outra de ser um semelhante, suporte da

identificação especular, fundamental para a constituição de um corpo que possa ser vivido como próprio pela criança (Fernandes, 2000).

Dentre as inúmeras operações que precisam acontecer nesta relação, entre o bebê e seu Outro, destaca-se a suposição do Outro de um sujeito e de um saber do lado da criança. Tal suposição é imprescindível para a constituição subjetiva da mesma, pois se tal suposição não acontece, a criança pode ficar aprisionada no desejo do Outro, sem a mínima liberdade para reordenar os elementos do mundo à sua maneira e constituir-se como sujeito desejante (Jerusalinsky, 2011). Constituir-se como um sujeito pode ser compreendido aqui como a possibilidade de responder, de forma singular, às demandas que vêm do Outro, ou, nas palavras de Flesler (2011, p.22), responder “à criança que o Outro lhe demanda ser”. Esta mesma autora afirma que se é necessário, primeiramente, ter um lugar no desejo do Outro e se alienar a ele (respondendo sim à demanda), é também fundamental e constituinte do sujeito responder não, separando-se dele. Para que isso seja possível, é preciso que exista, do lado do Outro, um intervalo entre a criança esperada e o sujeito encontrado e, do lado da criança, uma resposta no sentido da não identidade. É a partir da falta percebida no Outro que a criança vai poder se interrogar sobre seu desejo e buscar respostas. Nenhuma destas operações, tanto do lado do Outro, como do lado da criança, está garantida a priori, alerta a autora.

A partir dos ensinamentos de Freud e Lacan, psicanalistas que se dedicaram ou se dedicam ainda à clínica com crianças fizeram leituras interessantes dos textos destes autores onde a questão do brincar aparece e também avançaram ao iluminar os jogos que os bebês e as crianças pequenas realizam com seus cuidadores, trazendo novos elementos para pensar os primórdios da constituição da subjetividade e a função do brincar neste processo. Esses jogos, que se dão no laço com o Outro encarnado, são precursores do *Fort-Da* e são chamados de *jogos constituintes do sujeito* (Jerusalinsky, 2007).

O início da simbolização por parte da criança depende do laço que se estabelece entre ela e aqueles que ocupam um lugar de Outro primordial. E é por meio do brincar que o bebê ou criança pode estabelecer uma relação de prazer com este Outro, a partir da qual é possível constituir representações do que se passa em seu corpo. Por isso, quando o que está em jogo são as primeiras operações lógicas da constituição da subjetividade, o brincar precisa ser sustentado no laço com o Outro encarnado (Jerusalinsky, 2011).

É pelo olhar deste Outro, que se enlaça com a criança em uma atividade prazerosa, que ela vai poder vir a reconhecer seu corpo como uma unidade. Apropriando-se da imagem que o Outro lhe oferece, por identificação, a criança passa a ter uma representação imaginária de si (ainda muito indiferenciada do outro), que vem ordenar e unificar sua experiência de fragmentação do corpo. Gueller (2013) explica que é por meio desta identificação que a criança adquire a convicção de que ela e sua mãe (ou outro que venha a ocupar a função de Outro primordial) têm permanência para além do campo do visível. Isso permite à criança poder sustentar-se nos intervalos entre a presença e a ausência da mãe. Esta identificação primordial é fundamental para que, num passo seguinte, a criança possa se reconhecer como um eu. Freud (1921/1996, p.115) inicia o capítulo VII do texto *Psicologia de grupo e a análise do ego* afirmando que “a identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa.”. É da construção deste laço emocional “remoto” que estamos falando ao abordar os jogos da criança com o Outro primordial.

Muitos dos fundamentos que sustentam a conceituação desses jogos precursores do *Fort-Da* podem ser encontrados na obra de Freud. A participação essencial de um outro significativo no circuito pulsional já é apontada por Freud no texto *Pulsões e Destinos da Pulsão* (1915/2004), quando o autor destaca os três tempos necessários para a satisfação pulsional. O terceiro tempo, momento em que a pessoa busca ativamente um outro e se faz objeto de desejo para este, obtendo prazer na posição passiva, é crucial. Os estudos sobre os sinais de autismo que podem aparecer muito cedo em uma criança apontam para os impasses na instauração deste tempo da pulsão e suas radicais consequências (Laznik, 2004). Em *Os chistes e sua Relação com o Inconsciente* (1905/1996), Freud também fala do papel fundamental de um outro (denominado por ele de *terceira pessoa*) para que se instale o efeito de graça em um dito jocoso, apontando para o prazer que emerge na relação, no compartilhamento. No chiste, o riso de um surge a partir do riso do outro, assim como em muitas brincadeiras infantis.

Permitir a entrada do Outro em um circuito de satisfação é essencial para que, em um passo seguinte, este Outro venha a fazer falta e, na dialética entre presença e ausência, conquistas simbólicas possam ser alcançadas. Portanto, os jogos constituintes do sujeito são importantes e abrem os caminhos para que o *Fort-Da*, propriamente dito, possa ser inaugurado.

A presença desses jogos precursores do *Fort-Da*, que se dão nos primórdios da constituição da subjetividade, são sinalizadores de que o bebê ou criança pequena estão se desenvolvendo bem e, quando não aparecem, indicam que impasses importantes estão acontecendo neste processo de estruturação subjetiva. Tendo em vista que os diferentes aspectos do desenvolvimento infantil estão fortemente interligados entre si (Coriat; Jerusalinsky, 2008), não é difícil supor e constatar que as falhas na estruturação subjetiva reverberam negativamente nas conquistas instrumentais da criança como a fala, a motricidade, a aprendizagem, entre outras, englobando assim todo o seu desenvolvimento. Nas intervenções terapêuticas com bebês e com crianças acometidas de graves perturbações em seu desenvolvimento (para as quais muitos desses jogos ainda não estão estabelecidos) os jogos constituintes do sujeito são uma importante ferramenta clínica. Sobre isso, Jerusalinsky (2011, p.84) diz: “a experiência clínica revela seus efeitos decisivos na direção da cura, não só de bebês acometidos de problemas em sua constituição, mas também na de crianças em estado autístico.”.

Seguindo o mesmo raciocínio, podemos afirmar que os jogos próprios do *Fort-Da*, os jogos com as palavras, as encenações presentes no faz de conta e tantos outros jogos também se fazem fundamentais na cena clínica, pois no brincar há sempre um trabalho psíquico em jogo. Quando os elementos referentes à constituição da subjetividade presentes nestes jogos se mostram rígidos, com pouca mobilidade, quando o brincar da criança não pode avançar, temos o indício de que algo não vai bem com ela, ou seja, algo não vai bem com seu processo de constituição subjetiva.

Neste trabalho de pesquisa, buscaremos articular os aspectos teóricos expostos acima a partir de interrogações suscitadas pela experiência clínica vivenciada no acompanhamento terapêutico (AT) realizado com Tito, um menino de dois anos e dez meses, que chega para tratamento de abordagem psicanalítica já com um diagnóstico de autismo estabelecido por neurologista. A indicação de AT se dá logo no começo deste tratamento e o trabalho vai sendo construído em equipe (AT, psicanalista e fonoaudióloga). Vale ressaltar que o acompanhamento terapêutico desta criança já foi concluído e as questões que aqui serão expostas foram elaboradas em um momento posterior à condução do caso.

O rico processo vivido com Tito se dá em um percurso terapêutico de aposta em sua constituição. A relação transferencial estabelecida com ele através do

brincar e a leitura de suas produções gestuais e languageiras como portadoras de sentido me permitiram ocupar um lugar de endereçamento dessas produções. Lugar transitório que, com o trabalho realizado em parceria com os pais, pôde aos poucos ser ocupado por eles.

Neste trabalho não nos dedicaremos a pensar a especificidade do acompanhamento terapêutico, nem tampouco outras questões interessantes que poderiam derivar desta experiência, como o trabalho em equipe interdisciplinar, a problemática dos diagnósticos médicos na primeira infância, o trabalho com os pais, as conquistas instrumentais da criança, entre outras. Centraremos nossa leitura na análise de elementos presentes em algumas cenas do brincar com esta criança, em seu primeiro ano de tratamento, que assinalam passagens importantes no sentido da constituição da subjetividade, apontando o lugar central do brincar para as conquistas da criança.

Nas cinco cenas que serão apresentadas, falaremos dos jogos nos quais o Outro passa a fazer parte do circuito de satisfação pulsional de Tito e dos jogos nos quais aparecem e são articuladas as alternâncias entre presença e ausência próprias do *Fort-Da* e anteriores (precursoras) a ele. Antes de chegarmos aos fragmentos clínicos, faremos aqui uma breve apresentação do caso.

Breve apresentação do caso

Na avaliação clínica inicial, feita em equipe, coincidimos com a presença de sinais de risco para autismo nas produções de Tito. Tais sinais, indicativos de sofrimento psíquico, são expressos, sobretudo, na sua dificuldade de comunicação e interação com os outros. Ele fica grande parte do tempo sozinho, mesmo em presença de outros, como se prescindisse de sua companhia e participação. Aparentemente não apresenta intenção de comunicação e a maior parte de seus gestos e produções sonoras são tidos como ininteligíveis pelos pais. Suas experiências não adquirem estatuto de brincadeira, pois parecem repetitivas e sem sentido para os que estão a sua volta. Além destes aspectos, apresenta outros problemas em seu desenvolvimento e muitas aquisições esperadas para sua idade não estão estabelecidas. No entanto, devido à sua tenra idade e tendo em vista o

“caráter lábil e não fixado das organizações psicopatológicas da criança” (Bernardino, 2004), consideramos tal diagnóstico como provisório.

CENA 1. O MOMENTO INICIAL DOS ATENDIMENTOS

Tito é atento à lógica dos objetos no espaço, gosta de encaixes, de experiências envolvendo continente e conteúdo, dentro e fora. Seu olhar está voltado para as formas e tamanho dos objetos, ele tenta saber o que cabe e o que não cabe em determinado espaço. Seus brinquedos entram e saem por janelas e portas de casinhas, passam por tubos, desaparecendo e reaparecendo em curto espaço de tempo. Quando não está envolvido com esses jogos, apresenta grande agitação psicomotora: corre, pula e salta até a exaustão. Seus movimentos são acompanhados por um som contínuo e aparentemente sem sentido. Por vezes, percebo que fala fragmentos de palavras, de forma aglutinada e sem intervalo. Fala o nome aproximado de alguns animais e o nome do irmão, que desde o início mostra ter um lugar privilegiado para Tito. No início, parece não perceber minha presença, no entanto, não se distancia, e eu o acompanho com o olhar.

Tito também gosta de explorar buracos e frestas que encontra pela casa. Tenta entrar em caixas, gavetas ou vãos nos quais nem sempre seu corpo cabe. Quando consegue entrar, muitas vezes fica lá por bastante tempo, sozinho. Quando tento abrir a porta de um armário no qual ele está dentro, se angustia, insiste em fechar a porta e me deixar do lado de fora. Minha presença por vezes parece invasiva, excessiva para ele.

Ainda que ele não conte com o outro em seu fazer e suas ações não ganhem um estatuto de brincadeira pelos que estão a sua volta, observo que Tito já faz uma espécie de jogo ao explorar o espaço com seu corpo (correndo, saltando, entrando em frestas) e ao entreter-se com as experiências envolvendo os objetos que entram e saem de lugares diferentes. Este jogo se aproxima da descrição que Gueller (2013) faz dos jogos de transição, nos quais a criança explora o espaço fazendo operações sobre seu corpo. Nestes jogos, corpo e espaço se equivalem. Segundo a autora, estes jogos apontam para uma estrutura subjetiva em transição. A lógica do espaço é bidimensional neste momento, portanto plana e sem profundidade. Esta é a lógica do imaginário, explica. Não existe um “aqui” e um “lá”, pois a oposição dentro e fora ainda está sendo construída.

Tito parece se perder em uma errância, por não incluir o outro em seu circuito, por não fazer trocas prazerosas com o outro. Aparece um corpo ágil, mas

pouco libidinizado. As interrogações em relação ao corpo-espaco estão presentes em suas ações, mas fica a questão: como avançar sozinho, sem entrar em relação com o outro? Como avançar na descoberta do espaço tridimensional, simbólico, que supõe um “aqui” e um “lá”, um intervalo e uma alternância possíveis de serem simbolizados?

Portanto, neste início de tratamento trabalhamos com a hipótese de que era necessário o estabelecimento de uma aproximação possível, que fizesse alguma marca de presença sem, contudo, ser excessiva. Uma aproximação que permitisse, pouco a pouco, minha participação em seu fazer. Para Tito, a apropriação de seu corpo (que muitas vezes se perde em uma errância ou em um aparente desaparecimento) e o estabelecimento de laços com o Outro se mostram fundamentais e urgentes, pois ele ainda vacila nestas questões tão significativas para a constituição da subjetividade.

CENA 2. JOGAR COM AS DESCONTINUIDADES OU O INÍCIO DO BRINCAR COMPARTILHADO

Depois de algum tempo de tratamento, quando percebo que Tito aceita mais a minha companhia, começo a marcar as descontinuidades nos seus movimentos e no que acontece ao seu redor: nos momentos em que esbarra em algo, quando cai, quando para um instante para recuperar o fôlego ou quando o irmão o interrompe. Neste sentido, também assinalo o que acontece com seus objetos, marcando quando eles entram e saem, quando desaparecem e quando são encontrados (por mim, muitas vezes). Tito ri das falas que marcam essas irregularidades (ai, ui, epa, caiu, cadê, achou) e começa intencionalmente a provocá-las, entrando em um jogo comigo: ele começa a esperar a minha reação diante de suas atitudes, faz algo e me olha em seguida, com expectativa.

Esta interação não acontece todo o tempo, mas estes momentos tornam-se preciosos no tratamento, pois apontam para uma mudança no lugar que ocupo para ele. Um jogo aparece, criado no laço que se estabelece entre nós.

Podemos acompanhar o momento em que Tito permite a entrada de outro em seu fazer. Primeiramente aceita ser olhado e acompanhado de alguma forma no *continuum* de seus atos. Depois aceita as marcas significantes trazidas por alguém que começa a ocupar o lugar de Outro, que com sua voz e expressão gestual, assinala as descontinuidades e alternâncias que afetam seu corpo. Desta forma, percebe que seu corpo afeta e é afetado pelo Outro e demonstra sentir prazer com isso: dá risada, faz disso uma brincadeira. Ao provocar, buscar este enlace, assume um papel ativo, desejante, que é reconhecido. Ele é suposto como um sujeito desejante, que sabe provocar uma brincadeira.

Brincar com o registro da descontinuidade “tomada não na ordem do físico, mas na ordem do olhar do Outro” é importante para que se estabeleça um dos jogos que Jarusalinsky (2007, p.158) denominou de *jogos constituintes do sujeito*. O autor chama esses jogos, semelhantes aos descritos na cena acima, de *jogos de borda* e explica que neles está em questão a dimensão de uma perda possível, uma brecha, um intervalo.

As alternâncias e descontinuidades assinaladas marcam posições diferentes: aqui e lá; correu e parou; pulou e caiu; jogou e caiu; jogou e sumiu; sumiu e achou; não está e está. Tais marcas interrompem o continuum, a errância de Tito, e permitem que ele perceba que entre um elemento e outro existe um intervalo e uma diferença. Já não é tudo a mesma coisa. Esta diferenciação é fundamental para o processo de aquisição simbólica da criança, porque se tudo é igual, se não há falta e não há como algo ou alguém serem destacados, representados e marcados, os objetos não adquirem estatuto simbólico e permanecem no continuum do imaginário (puro deslizamento sem precipitação de sentido) ou na mesmice do real (pura lógica do real, sem a riqueza das possibilidades de representação, de metáfora).

O papel do outro é bastante ativo neste primeiro momento. Um convite para brincar é feito para a criança e o desejo de estar com ela e querer que ela se constitua subjetivamente é posto em cena. Quando Tito aceita entrar na relação, percebendo o prazer que pode daí advir, o jogo se transforma e pode ser construído em conjunto. Este convite, no entanto, precisa ser reiterado a cada passo, sobretudo porque Tito vacila em sua relação com o Outro. Além da atenção para as descontinuidades que marcam o corpo, que são convites para delas partilhar e, a partir delas, representar o que se passa com a criança, a recuperação de objetos também tem aqui um papel importante. Ao recuperá-los e situá-los em um endereçamento, uma sequência pode se estabelecer, colocando em série a alternância entre a presença e a ausência desses objetos. Um jogo mais complexo pode daí advir, é um convite para seguir! Tito, quando passa a esperar minhas reações, já não se movimenta ou joga objetos aleatoriamente, ele começa a endereçar suas ações.

Freud (1920/1996) conta que, antes de aparecer a brincadeira completa do jogo do carretel (*Fort-Da*), seu neto brincava de fazer os objetos partirem, lançando-os para longe. Os adultos que se ocupavam dele tinham o trabalho de recuperar tais objetos. No entanto, esta ação dos adultos é relatada de forma aparentemente indiferente pelo autor. Apesar de Freud dizer que “é naturalmente indiferente, do ponto de vista de ajuizar a natureza efetiva do jogo, saber se a própria criança o inventara ou o tirara de alguma sugestão externa” (p. 26), gostaríamos de salientar aqui o papel fundamental do Outro no fazer na criança e na criação das primeiras brincadeiras compartilhadas. Não nos parece irrelevante o papel dos adultos que recolhiam os objetos de Ernest. Se o jogo completo de lançamento e retorno do

carretel feito por Ernest nas ausências de sua mãe foi considerado por Freud a “primeira brincadeira efetuada por um menininho de um ano e meio de idade e inventada por ele próprio” (p.25) é porque, antes desta brincadeira autoral advir, provavelmente ele engajou-se em jogos compartilhados com os adultos significativos para ele, criando com eles brincadeiras compartilhadas.

Jerusalinsky (2011) considera o *jogo de lançamento de objetos para que o outro recupere* como um jogo precursor direto do *Fort-Da*, no qual o papel daquele que ocupa o lugar de Outro para o bebê é fundamental. A ação da criança é colocada em uma dimensão de endereçamento e a sustentação da série entre presença e ausência leva a uma ampliação da satisfação, do circuito pulsional. É possível testemunhar a intenção dos bebês em repetir este jogo e o prazer que lhes causa. A autora aponta os efeitos da não instauração desse jogo e os remete à não instauração de um circuito pulsional que inclua o Outro. Constata que, com frequência, chegam para intervenção clínica crianças que não conseguem brincar e que lançam objetos indiscriminadamente, sem fazer disso nenhum jogo. Daí a importância do clínico intervir neste fazer da criança. Diz ela:

É preciso propiciar, no marco clínico, a sustentação da produção de uma série presença-ausência. Através do trabalho de recuperar e reendereçar à criança os fragmentos que ela joga ou deixa cair – ora colocando-se como destinatário do arremesso inicialmente errante, ora recuperando o que desinteressada ou distraidamente a criança deixou cair, permitindo-lhe retomar ou abandonar esse objeto que passamos a sustentar em uma série para ela – com nosso gesto de recuperação, com a entonação de nossa voz, com nosso olhar. (p.248)

Outra chave de leitura para compreendermos a importância da recuperação dos objetos para as crianças pode ser encontrada no texto *A observação de bebês em uma situação estabelecida*, escrito por Winnicott em 1941. Neste texto, o autor descreve um jogo criado por ele para ser usado nas consultas pediátricas: se armava uma cena entre o bebê, sua mãe e o médico/psicanalista e o jogo consistia em deixar ao alcance do bebê uma espátula chamativa e acompanhar o uso que ele fazia deste objeto, bem como sua relação com o ambiente (representado, sobretudo, pela relação entre mãe e filho). O autor destaca alguns momentos importantes nesta cena, tais como a hesitação do bebê diante de um objeto

visivelmente interessante (hesitação em relação à sua voracidade); a coragem de tomar posse do mesmo e explorá-lo ou a inibição desta atitude e o terceiro momento, no qual o bebê treina livrar-se da espátula. Segundo este autor, o bebê busca no ambiente, no olhar do outro significativo para ele, a aprovação para seguir na brincadeira e, quando lança para longe o objeto, busca certificar-se de que este ambiente (e este outro, ainda bastante indiferenciado dele mesmo) não será destruído ou ameaçado por sua atitude. Winnicott faz uma aproximação entre este terceiro tempo do jogo da espátula e a brincadeira de jogar objetos descrita por Freud em *Além do princípio do Prazer*. Ao mandar embora os objetos e ver que pode tê-los de volta, que eles não foram destruídos, a criança percebe que o ambiente é seguro e assim ela pode dar seguimento às suas experiências e jogos simbólicos. Pode colocar em cena na brincadeira seus desejos e sua agressividade, sem que isso leve à destruição do ambiente.

Tito, como exposto acima, lançava aleatoriamente os objetos. A repetição de uma experiência de destruição parecia estar posta em cena. Recuperando para ele os objetos de seu interesse e situando-os em um endereçamento, o jogo pôde se complexificar. O ambiente, entendido aqui como sendo a relação com o Outro, pôde se manter estável, trazendo assim segurança para a criança seguir suas experiências e avançar em suas descobertas.

CENA 3. O JOGO DE ESCONDER UM OBJETO E FESTEJAR SEU RETORNO

Tito gosta de guardar bonecos em caixinhas e depois sacode para escutar o barulho do que está ali, mas não se vê! Este interesse prepara o terreno para uma interessante brincadeira que fazemos juntos: esconder objetos. Tito se surpreende quando escondo um brinquedo no mesmo lugar em que ele costuma ficar (dentro de um armário), para depois procurá-lo. Começamos a brincar de esconder um passarinho que lhe agrada muito, que é chamado de “rara” (arara). O coloca sempre no mesmo lugar e parece gostar da fala que marca a expectativa (“ah, cadê?”) e depois a alegria ao recuperar o brinquedo (“aqui, achou”). Ele imita as expressões de forma idêntica, usando o mesmo tom de voz que eu e, nesses momentos, me olha com interesse em compartilhar a experiência. Quando fico calada, se surpreende com o silêncio e espera minha participação. Começa a permitir mais a minha entrada em suas atividades, provocando minhas reações, buscando mais minha voz e meu olhar.

Na cena descrita acima também encontramos uma brincadeira na qual o papel do Outro é bastante ativo. Sozinho, Tito ainda se perde em uma errância e não leva adiante suas pesquisas. Para que este jogo aparecesse, as alternâncias entre presença e ausência foram marcadas inicialmente pelo Outro. Tito então passa a percebê-las, endereçá-las e fazer jogo com elas: passa a produzi-las intencionalmente. Apropria-se dos significantes inicialmente colocados pelo Outro para nomeá-las: começa a falar “Ah, cadê?” e “achou!” e sabe que estes significantes encadeados representam sua ação. Um passo importante é dado por ele. Além das palavras, Tito passa a usar mais seus gestos para convocar e interrogar o outro. Seu olhar, quando fico em silêncio, por exemplo, me interroga, traz mais claramente uma mensagem, que tento decifrar.

Nesta brincadeira aparece nitidamente a interrogação sobre “o que está, mas não se vê”, uma alternância entre presença e ausência que pode ser investigada e reproduzida em série no jogo de fazer o brinquedo desaparecer e festejar seu reencontro, usando expressões de interrogação e surpresa que marcam posições diferentes. Aqui já aparece um jogo com elementos presentes no *Fort-Da*, o que

assinala o início da simbolização, do uso dos objetos com valor simbólico e a noção de permanência para além do visível, ou seja, uma permanência que é dada pelo simbólico e que será precursora da permanência do eu.

Tito repete esta brincadeira inúmeras vezes, ela de fato o captura. A insistência e repetição no jogo mostram que algo ali insiste, resistente à simbolização. Que força ou pulsão é esta que o faz repetir? Observando que esta brincadeira é importante para ele e, portanto, existe nela uma tentativa de conquistar algo, me interrogo sobre qual vivência ele estaria tentando reproduzir no seu jogo? Seria seu próprio desaparecimento, encenado com o objeto escolhido? O local escolhido e a semelhança com os momentos em que Tito parecia desaparecer dentro do armário nos levam a fazer esta hipótese.

Em *Além do Princípio do Prazer*, Freud se interroga sobre a ocorrência e a insistência das repetições de cenas traumáticas no psiquismo. O autor analisa os sonhos que ocorrem nas neuroses de guerra, nos quais são revividas cenas traumáticas, os comportamentos (ativos ou passivos) que levam pessoas a passarem novamente por fatalidades já vivenciadas e as encenações de vivências desagradáveis repetidas pelas crianças em seus jogos e chega à conclusão de que existe no aparelho psíquico uma compulsão à repetição, que vai além do princípio do prazer. Princípio este que até então era considerado o modelo soberano de funcionamento psíquico. Este modelo de funcionamento, que busca evitar o desprazer, não deixa de ser considerado por Freud, no entanto ele mostra-se insuficiente a partir desta descoberta.

No caso das brincadeiras das crianças, Freud analisa que o impulso que as leva a brincar se relaciona a esta compulsão à repetição. Já a repetição das vivências desagradáveis nas encenações, ele o relaciona com a tentativa das crianças de dominar (ativamente) aquilo que viveram passivamente. Conclui que nesta passagem da passividade para a atividade as crianças obtêm satisfação, prazer. Esta seria uma forma de “tornar o que em si mesmo é desagradável num tema a ser rememorado e elaborado na mente” (Freud, 1920/1996, p.28).

A brincadeira de Tito era realizada repetidas vezes da mesma forma, assim como o lugar escolhido para esconder o passarinho também era sempre o mesmo. Nesta repetição aparece também a questão da previsibilidade, que garante para Tito a antecipação de algo que está por vir. O prazer do reencontro, desta maneira, fica garantido para ele. Se há algo de traumático que o impulsiona a brincar, há também

a clara tentativa de dominar a experiência. E como sua extensão simbólica, seu campo de representações e articulações entre elementos diferentes, ainda era curta e incipiente, ele precisava repetir tudo forma idêntica. Elementos novos foram sendo introduzidos, pouco a pouco.

CENA 4. ESCONDE-ESCONDE EM PARCERIA OU O JÚBILO DE SER ENCONTRADO

Algum tempo depois, quando Tito está com pouco mais de três anos, ele começa a se interessar pela brincadeira de esconde-esconde proposta pelo irmão mais velho. Gosta de procurá-lo, dizendo: “cadê Léo?” e gosta do susto que o irmão lhe dá, da surpresa de reencontrá-lo, que é acompanhada por uma risada ou comemoração: “eba!”!

Quando se esconde sozinho e sai do nosso campo de visão, fica no esconderijo, mas se retira da cena do jogo e não consegue continuar na brincadeira. O mesmo “desaparecimento” acontecia quando ele entrava em uma fresta ou armário e ficava lá por muito tempo. Passamos então a fazer uma dupla e ele consegue, assim, ficar escondido. O meu olhar parece sustentá-lo e, desta forma, o jogo pode avançar.

Entra em júbilo quando é encontrado pelo irmão! Ser encontrado e olhado pelo irmão lhe desperta grande prazer e ele começa a buscar este olhar: pede para repetirmos muitas vezes este jogo. De dentro do esconderijo, faz sons para provocar o irmão e anteciper sua chegada, se exhibe quando o irmão o encontra e deleita-se com o olhar deste.

Neste jogo seguimos com a interrogação sobre “o que está, mas não se vê”, uma alternância entre presença e ausência que pode ser investigada, colocada em série e reproduzida em um jogo: procurar o irmão quando este desaparece e reencontrá-lo; desaparecer para o irmão e ser reencontrado por ele. Este jogo, assim como o anterior, assinala um momento constituinte da subjetividade, momento em que a alternância entre presença e ausência começa a fazer marca simbólica (algo ausente está presente simbolicamente).

Nesta cena vemos que Tito avança ao fazer deslocamentos: dos objetos (brinquedos) passa para o irmão como um objeto e, em seguida, ele mesmo assume esta posição. Aqui temos a presença das substituições e elas também assinalam conquistas simbólicas porque denotam a ampliação das possibilidades de arranjos entre diferentes termos, ampliação de redes associativas. A fixação em uma posição poderia ser tomada como um sinal de risco para o processo de

subjetivação. Mas, ao contrário disso, vemos que Tito faz deslocamentos significativos, o que é lido como sinal de saúde, pois ao fazê-los Tito abre novos campos de perguntas, de experiências. Outro elemento significativo e novo aparece: Tito se faz presente pela voz, quando está fora do campo visual do outro. Além de sua imagem, pode se representar por algo que se desprende de seu corpo, que é uma produção sua. Tendo em vista que uma das grandes dificuldades de Tito estava na aquisição da linguagem e no uso da fala para se relacionar com os outros, se fazer representar e se fazer presente pela sua voz tem grande valia e demonstra que houve uma conquista em termos subjetivos e sociais.

Aqui nesta cena a repetição na brincadeira também demonstra a tentativa de domínio da experiência, como apontado na cena anterior. A experiência de desaparecer para o outro e depois ser reencontrado é reproduzida na brincadeira. Primeiramente ele reproduz esta cena usando objetos para se representar e, agora, o faz entrando em um jogo de esconde – esconde no qual o irmão e depois ele mesmo desaparece e reaparece.

No entanto, diante de sua ainda frágil imagem de si, os movimentos de desaparecer e reaparecer precisam ser feitos em um curto intervalo de tempo, caso contrário ele tem dificuldades para reaparecer, como se ficasse perdido (ainda se perde e se retira da cena). Para que ele sustente um tempo maior na ausência do irmão, eu fico ao seu lado, fazendo uma dupla com ele no jogo. É como uma preparação para que ele possa suportar manter-se presente nesses intervalos da presença do outro.

Encontramos aqui uma semelhança no jogo que muitas mães costumam fazer com seus bebês, escondendo seu rosto com as mãos, ou sob um paninho, para em seguida reaparecer e festejar o reencontro. Este jogo é descrito por Freud em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926 [1925] /1996), e ele aponta que com ele a mãe começa a preparar a pequena criança para separações mais longas. Diz ele:

Ela não pode ainda distinguir entre a ausência temporária e a perda permanente. Logo que perde a mãe de vista comporta-se como se nunca mais fosse vê-la novamente; repetidas experiências consoladoras, ao contrário, são necessárias antes que ela aprenda que o desaparecimento da mãe é, em geral, seguido pelo seu reaparecimento. A mãe encoraja esse conhecimento, que é tão vital para a criança, fazendo aquela brincadeira tão conhecida de esconder dela o rosto com as

mãos e depois, para sua alegria, de descobri-lo de novo. Nessas circunstâncias a criança pode, por assim dizer, sentir anseio desacompanhado de desespero. (p.164)

Para Tito ausências temporárias podiam ser vividas ainda como perdas permanentes, o que denota fracassos na operação de identificação primordial ao Outro. Por mais que ele tivesse mais de três anos, diferente da pequena criança da cena descrita por Freud, estes jogos de *cadê achou* com a presença garantida do Outro e certa previsibilidade nas sequências ainda eram importantes para ele, para prepará-lo para períodos maiores.

A satisfação pulsional encontrada no laço com o Outro, que já aparecia de forma mais tímida nos jogos com as discontinuidades e depois na brincadeira de recuperar o objeto escondido por ele (quando buscava minha reação), neste jogo é evidente. Sua risada alta e gostosa não deixa dúvidas. O ápice da brincadeira está em ser encontrado pelo irmão e oferecer-se para o deleite deste. É nesta posição passiva que está a importante fonte de prazer. Mas, é ativamente que Tito busca ocupar esse lugar, porque é ele quem provoca e convoca o irmão, ao fazer gracejos com a voz, antecipando sua chegada. Tito é ao mesmo tempo sujeito e objeto, ao se fazer olhar e ouvir.

No texto *Pulsões e Destinos da Pulsão* (1915/2004), Freud afirma que a satisfação das pulsões sexuais (parciais) se dá em três tempos, seguindo os caminhos de “transformação em seu contrário”, no qual há o redirecionamento de uma pulsão da atividade para a passividade, e de “redirecionamento contra a própria pessoa”. No primeiro tempo, a meta (ou a forma de encontrar satisfação) é ativa, como olhar outra pessoa tomada como objeto, por exemplo. No segundo momento, o objeto é abandonado e substituído pela própria pessoa (se olhar, olhar uma parte do corpo) e a meta torna-se passiva. No terceiro tempo, o outro é novamente buscado, mas desta vez o papel que lhe é ofertado é ativo e a satisfação pulsional é atingida pela posição passiva diante deste outro. No terceiro tempo (conclusivo e, portanto, fundamental), a satisfação está em se fazer olhar.

Laznik (2004) faz uma aproximação deste texto acima citado de Freud com a teoria das pulsões em Lacan, teoria esta feita a partir de uma importante releitura desse texto freudiano. A autora afirma que, para Lacan, são consideradas pulsões apenas as pulsões sexuais parciais e elas se dão a partir das zonas erógenas que

se diferenciam por sua estrutura de borda, sobre as quais são feitos os investimentos erógenos, as trocas com o outro. Ela destaca a importância do momento em que o bebê ou criança pequena se oferece ao Outro. Este tempo, que ela chama de “fazer-se”, correlato ao terceiro tempo apontado por Freud, é fundamental para o enlace da criança com o Outro. Somente a partir deste enlace, do prazer compartilhado, a satisfação pulsional pode ser alcançada, ainda que nunca completamente. Ela retoma a importância que Lacan dá a esse terceiro tempo, no qual acontece a satisfação e o “remate pulsional”, usando palavras do autor.

Lacan (1964/2008) retoma as três vias de satisfação da pulsão descritas por Freud (ativas, passivas e reflexivas) e salienta que o fundamental é o vaivém em que a pulsão se estrutura, o caráter circular do percurso da pulsão. O fechamento deste circuito se daria no terceiro tempo, reflexivo, no qual há um “fígamento do gozo do outro” (p.180). Ao retomar a diferenciação feita por Freud entre necessidade e pulsão, Lacan aponta que a satisfação pulsional não se dá pela apreensão de um objeto, e sim pelo contorno que o circuito pulsional faz em torno de um objeto que é na verdade um “lugar vazio”, “um objeto eternamente faltante” (p.176, 178). Explica que nenhum objeto da necessidade pode satisfazer a pulsão. Desta forma, Lacan aborda a estrutura do inconsciente como uma estrutura de hiância, na qual a falta é constitutiva. A falta é, portanto, anterior e fundamental para o movimento desejante do sujeito.

Laznik, a partir dos estudos teóricos e da sua prática clínica, constatou que para bebês e crianças em estados autísticos há uma falha no terceiro tempo do circuito pulsional, o que implica em sérias consequências para a constituição da subjetividade. Aqui é importante pensar que, ainda que as necessidades (fome, sede, higiene, etc.) de um bebê ou criança estejam sendo atendidas por um adulto que delas se ocupe, a participação deste adulto, deste outro, no circuito de satisfação da criança não está garantida. Para que este outro ocupe um lugar primordial para a criança e estabeleça um laço com ela, o que está em jogo vai além da ordem da necessidade e da boa vontade. É preciso que um movimento desejante seja posto em cena nos cuidados com a criança para que se dê o enlace pulsional.

Retomando a cena do brincar descrita acima, é evidente que é na passagem da atividade para a passividade (olhar o outro, se olhar e se fazer olhar) que Tito se

deleita. O irmão é convocado ativamente por ele a ocupar este lugar de quem olha. Há um enlace pulsional com o Outro (lugar aqui ocupado pelo irmão), neste terceiro tempo do circuito pulsional, que lhe é muito prazeroso.

Vale ressaltar que este irmão ocupava um lugar muito importante para Tito. Uma das poucas palavras que ele falava no início do tratamento era o nome do irmão! Por bastante tempo ele foi o único que conseguia alguma entrada nas brincadeiras de Tito e também era ele quem “compreendia” o irmão, fazia leituras de suas ações, gestos e produções sonoras, servindo de interprete para os pais.

Tito passou a regozijar-se na posição passiva diante do Outro, se fazendo ser olhado, oferecendo-se para deleite do Outro. Como se tivesse sido capturado por este prazer do encontro, Tito passa a quer repetir esta experiência mais e mais. A corda pulsional se estende e a presença do Outro no seu fazer torna-se fundamental: em outros jogos ele busca o mesmo e já não suporta mais ficar tanto tempo sozinho. Este foi um marco muito importante no tratamento de Tito, pois assinalou uma mudança de posição subjetiva, uma abertura significativa ao Outro.

O evidente júbilo sentido por Tito, ao ser encontrado e reconhecido pelo irmão, pelo seu olhar, nos remete também ao momento constitutivo em que a criança reconhece a imagem de si mesma como própria, identificando-se ao semelhante.

O júbilo sentido pela criança ao se apropriar de sua imagem, imagem esta que foi reconhecida e afirmada anteriormente pelo Outro, é considerado por Zygouris (2000) como pertencente ao que ela chama de “série jubilatória”. Esta série jubilatória é fundadora do devir do sujeito por denotar momentos inéditos de criação por parte da criança, momentos de descoberta libertadora. Os três momentos-chave assinalados pela autora como pertencentes a esta série são: a assunção jubilatória de uma imagem de si, momento constitutivo designado por Lacan como Estágio do Espelho; o momento do Fort-Da, em que a criança consegue lidar com uma situação desagradável a partir da criação de um jogo simbólico e a descoberta da criança do objeto transicional e criação de uma área de jogo, que será matriz da criatividade no adulto (conceitos desenvolvidos por Winnicott). Segundo ela, estas experiências fundadoras, que trazem consigo “a euforia que causa ao sujeito sua própria potencia” (p.40), deixam marcas, traços de memória inconscientes, que podem ser revividos em momentos fugazes de liberdade em relação ao discurso do Outro, momentos em que o sujeito do inconsciente comparece.

CENA 5. AS TRAQUINAGENS E O RISO COMPARTILHADO NA BRINCADEIRA

Tito se interessa por uma brincadeira de percorrer um circuito feito com almofadas, caixas, barreiras e túnel de tecido. Seus movimentos, que muitas vezes pareciam sem sentido, pois apresentava ainda grande agitação psicomotora, se organizam em uma sequência e isso desperta o interesse do irmão, que entra no jogo. Tito segue o caminho proposto, tenta superar os desafios para avançar no espaço, compreende as sequências. Algumas regras vão sendo colocadas, como esperar a vez do outro, seguir pelo percurso até o final e esperar o “já” para começar.

Começa a seguir com prazer a contagem do tempo “um, dois, três e já!” antes de correr ou pular e outras brincadeiras compartilhadas, com regras simples, lhe despertam interesse. Já consegue compreender bem regras simples, certas regularidades e ritmos pré-estabelecidos nos jogos.

Um dia, em um jogo de beisebol, ele não espera o irmão chegar até o “já” e lhe rouba a bola antes que este a arremesse. Sou pega de surpresa, pois ele já sabia esperar e acho graça da traquinagem. Ele percebe a surpresa que em mim despertou. Na sequência, respondo a ela: “Ai, ai, ai, ele roubou a bola! Vamos pega-lo!” e todos riem muito. O irmão me acompanha e isso vira uma brincadeira de pega-pega muito divertida, que repetimos muitas vezes. O jogo de beisebol passa a ser uma brincadeira de não conseguir esperar e assim provocar o outro para ser pego.

Quando tenta burlar a regra em um jogo, Tito olha para mim, esperando minha reação. Acha muita graça nesse jogo de burlar a regra (me enganar) e esperar a consequência. A mesma graça que encontra no jogo de beisebol!

Assim como na cena anterior, do esconde-esconde, podemos ver que Tito é ativo em buscar o outro para, juntos, se divertirem. Na brincadeira que surge agora, ele se faz pegar, se faz repreender. O terceiro tempo do circuito pulsional, o tempo de *fazer-se*, já é imprescindível para ele. De diversas formas, em diferentes brincadeiras, ele busca este enlace pulsional com o Outro: se faz ver, se faz pegar, se faz ser repreendido ou buscado pela voz, pelo toque, pelo olhar. Paralelo a isso

acompanho seu olhar mais vivo e atento, sua voz cada vez mais presente! Ele também passa a apontar para si, para explicitar a chegada de sua vez em um jogo, por exemplo.

O momento em que Tito “rouba” a bola do irmão no jogo de beisebol é muito marcante. Como em um chiste, sinto o efeito de surpresa e prazer. Na sequência, Tito tira proveito desse efeito e ri junto comigo. Revendo em minha memória a cena, tenho hoje claro que a minha surpresa, meu deleite e riso foram despertados pelo prazer que me causa a subversão das regras, questão esta tão rara para uma pessoa “certinha” como eu. Elementos na minha subjetividade inevitavelmente entram em cena em muitos momentos. Obviamente não desviaremos nosso foco para as minhas questões pessoais, mas considero que foi apenas a partir delas que pude compreender esta cena e situá-la como um chiste. Mesmo não tendo sido um dito jocoso, um neologismo ou uma produção sonora, consideramos que o gesto de Tito encontra-se no campo da linguagem e por isso a aproximação com o chiste.

Tito tenta repetir a experiência, em diferentes brincadeiras e situações, para provocar o riso do outro e tirar proveito dele: se divertir também! Tito se torna um menino traquina, divertido. Esta passa a ser uma característica sua reconhecida pela família e pelos colegas de escola: Tito, o menino sapeca e engraçado!

Em os Chistes e sua relação com o Inconsciente (1905/1996), Freud faz uma comparação entre o riso do cômico e o riso daquele que faz um chiste. Ele afirma que aquele que produz um chiste, no estágio preliminar de *gracejo*, não consegue rir sozinho. Ele precisa de outra pessoa, a quem possa comunicar seu feito, precisa de alguém que o escute. Diz o autor:

“Essa segunda pessoa no caso dos chistes não corresponde à pessoa que é o objeto, mas à *terceira* pessoa, à ‘outra’ pessoa no caso do cômico. É como se no caso do gracejo, a outra pessoa transmitisse a avaliação da tarefa de elaboração do chiste – como se o eu não se sentisse, nesse ponto, seguro de seu julgamento.” (p.138,139)

Freud aponta que o motivo do chiste é conseguir prazer, é “produzir excitação gratificante” (p.139), o que pode ser facilmente percebido, diz ele. Mas, o autor constata também que existem determinantes subjetivos que favorecem a produção de um chiste e mostra como algumas pessoas, mais do que outras, os fazem com mais espontaneidade. Estes últimos seriam as pessoas ditas espirituosas. Tendo

em vista que não se produz um chiste sozinho, ele afirma que os chistes dependem também dos determinantes subjetivos da terceira pessoa. Se esta estiver voltada exclusivamente para pensamentos sérios, “não servirá para confirmar o sucesso de um gracejo” (p.139). Para que se possa agir como terceira pessoa, é preciso de leveza, de certa disposição para a graça, para a risada ou “descarga de excitação gratificante”, nas palavras de Freud. Neste ponto, consideramos que a disposição para brincar do analista conta muito para a conclusão do chiste produzido pela criança, conclusão esta que é o riso compartilhado.

Na cena relatada ocupo o lugar da *terceira* pessoa. A minha risada confirma o gracejo de Tito e assim podemos rir juntos! É a partir do outro que ele busca se divertir e isso é possível porque o outro passou a fazer parte de seu circuito pulsional. Neste sentido, há elementos do *fazer-se* no chiste, há uma produção de prazer que depende da relação com o outro. Ainda sobre esta questão, do papel fundamental do outro no chiste, Freud afirma:

“O chiste é assim um velhaco hipócrita, servidor, a um só tempo, de dois amos. Tudo que nos chistes objetiva a obtenção de prazer, é calculado visando a terceira pessoa como se houvesse na primeira pessoa obstáculos internos intransponíveis. Isso nos dá uma inteira impressão de quanto é indispensável a terceira pessoa para a complementação do processo chistoso.” (p.148)

Laznik (2004) aponta que na clínica com crianças autistas o papel do outro, buscado ativamente pela criança no terceiro tempo do circuito pulsional, corresponde ao papel desta *terceira* pessoa. Afirma que, para ocupar este lugar, o outro precisa se deixar confundir, se deixar surpreender. A autora relata, no belíssimo texto *Do estribilo autístico ao chiste: o caso Louise*, cenas em que a analista se surpreende com fragmentos de palavras (aparentemente estranhos) ditos por uma criança e que, a partir da reação de surpresa e alegria que a produção da criança desperta nela, efeitos de sentido podem advir, ainda que permaneçam temporariamente em suspenso. A criança então segue a brincadeira, se engaja no prazer compartilhado. Tomar um gesto ou um enunciado como portador de mensagens é supor sujeito do lado da criança e, como dito no início deste trabalho, isso é fundamental. Há uma aposta do clínico neste sentido.

Fernandes (2000, p.142), ao retomar os estudos de Freud e Lacan sobre o chiste, fala do “prazer próprio ao humano do confrontar-se com o equívoco, do

deslocar-se”. A autora aponta também a importância daquele que ocupa o lugar de Outro para a criança poder se enganar: poder fazer leituras do que se passa com o bebê ou criança, mas permanecer duvidando delas, situando-as na dimensão do engano. Somente assim as leituras e os sentidos do Outro não serão inquestionáveis e deixarão espaço para que a criança venha a surpreender. A possibilidade de engano é, portanto, “necessária à instauração do olhar constituinte fundamental” (p.152).

Ainda sobre a questão da repetição na brincadeira, que aparece nesta cena quando Tito repete a traquinagem, e nas anteriores quando repete uma brincadeira que gosta, Freud (1920/1996) fala do prazer que as crianças têm na repetição idêntica, prazer este que perdemos quando adultos! Um chiste não produz, para o adulto, o mesmo efeito de surpresa e graça quando acontece pela segunda vez. Já para uma criança, as experiências agradáveis são insistentemente repetidas, de preferência, de forma idêntica e isso é claramente uma fonte de prazer para elas. Seguindo Freud:

“A novidade é sempre a condição do deleite, mas as crianças nunca se cansam de pedir a um adulto que repita um jogo que lhes ensinou ou que com elas jogou, até ele ficar exausto demais para prosseguir. E, se contarmos a uma criança uma linda história, ela insistirá em ouvi-la repetidas vezes, de preferência a escutar uma nova, e sem remorsos estipulará que a repetição seja idêntica, corrigindo quaisquer alterações que o narrador tenha a culpa, embora na realidade, estas possam ter sido efetuadas na esperança de obter nova aprovação.” (p.46).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cenas apresentadas acima, recortes do primeiro ano de tratamento de Tito, assinalam passagens importantes no sentido da constituição subjetiva desta criança. Podemos acompanhar sua crescente abertura ao campo do Outro, ao campo da linguagem, das representações, da identificação com o semelhante, da sexualidade. Ao ampliar as possibilidades de brincar, o trabalho psíquico de estruturação da subjetividade foi colocado em movimento.

Tito não caminhou sozinho: além do trabalho dos terapeutas e da equipe da escola, sua família engajou-se no processo terapêutico com afinco e seus pais se dispuseram a rever a relação com o filho, repensando o lugar deste filho na família.

O diagnóstico de autismo foi colocado em suspenso pela equipe responsável por seu tratamento: Tito apresentava atrasos em seu desenvolvimento e impasses na estruturação subjetiva, no entanto, mostrou ter muitas aberturas para a relação com o Outro. Parecia estar a espera de um Outro que o tomasse como interlocutor, que tomasse seus gestos e produções linguageiras como portadores de sentido, de mensagens.

O menino solitário, agitado e errante aos poucos aceitou companhia. Encontrou o prazer nos jogos criados no laço com o Outro encarnado, *jogos constituintes do sujeito* tão importantes quando o que está em jogo são as primeiras operações lógicas da constituição da subjetividade (Jerusalinsky, 2011). Logo percebeu que podia ser ativo nesta relação e passou a buscar o contato, engajando-se cada vez mais em jogos compartilhados, nos quais a satisfação pulsional foi evidente. Esta satisfação se tornou imprescindível e a corda pulsional se estendeu. Um corpo mais libidinizado foi, então, posto em cena.

Os significantes vindos do Outro lhe serviram para nomear e diferenciar as características dos objetos, das pessoas, do espaço. Passou a representar objetos e pessoas ausentes e a se representar. As aquisições simbólicas, que tiveram na colocação em série da oposição entre presença e ausência sua matriz, permitiram certa apreensão do real e interromperam o deslizamento imaginário errante, dando-lhe norteadores que permitiram marcar as diferenças e assim avançar nas associações e substituições, ampliando sua leitura sobre o mundo.

Entendendo sujeito como uma função (Assoun, 1996), que carrega consigo a dose de liberdade e criação que uma pessoa pode ter no seu encontro com a linguagem, podemos afirmar que, em diferentes momentos, Tito apareceu como sujeito: ao provocar e criar conjuntamente as brincadeiras, imprimindo nelas suas marcas, ao entrar em júbilo com o reconhecimento da própria imagem e ao buscar as brechas e intervalos do Outro para surpreendê-lo, como no momento do chiste, por exemplo, e nas traquinagens que passou a fazer. Aceitou alienar-se no campo do Outro, alienação que se faz fundamental para torna-se um ser falante, e começou a fazer ensaios para separar-se deste Outro, encontrando uma forma singular de estar nas relações, interrogando-se sobre o desejo do Outro a partir das brechas que encontrava. Suas brincadeiras, seus gestos e falas cada vez mais espontâneos passaram a trazer a marca da singularidade, da criatividade.

O Outro, para a criança, é encarnado inicialmente pelos adultos que ocupam um lugar primordial para ela, por carregarem um desejo próprio, singular, posto em cena nos cuidados a ela direcionados. Este desejo não anônimo antecipa um lugar para a criança, lugar fundamental para que ela possa vir a pertencer a uma família e à sociedade. Estes adultos representam também a linguagem, os códigos e as leis que fundam a cultura. Se, como dito acima, alienar-se ao campo deste Outro é fundamental, é imprescindível também separar-se dele para constituir-se como um sujeito. A criança, se não se constitui subjetivamente, pode ficar aprisionada na posição de objeto, sem conseguir construir respostas próprias a esse Outro, sem conseguir aparecer como um sujeito. Sobre isso, Pavone (2006, p.72) nos ajuda com sua elaboração:

“Se, por um lado, a entrada na linguagem se faz por intermédio de uma alienação sem liberdade, já que o código é fechado, por outro, a liberdade do sujeito está em safar-se a sujeição absoluta do signo, mediante possíveis revoluções com a linguagem, no jogo de palavras do chiste, na poesia e no brincar.”

A constituição subjetiva permite à criança um deslocamento da posição de objeto e, desta maneira, abre espaço para que ela elabore respostas singulares ao Outro. Como nos diz Gueller (2013, p.168), “brincar é uma resposta – a única resposta à disposição da criança para elaborar simbolicamente a exigência de

trabalho imposta ao psiquismo pelas pulsões (Freud), pela entrada na linguagem (Lacan).”.

A aposta clínica feita neste caso, de supor anteriormente um sujeito para que este pudesse advir, teve no brincar sua principal ferramenta. Neste trabalho consideramos que é por meio do brincar que a criança se constitui subjetivamente e, por isso, o brincar se faz fundamental na cena clínica (Gueller, 2013; Jerusalinsky, 2011). O analista de crianças ocupa, transitoriamente, a função de Outro e é de suma importância que ele traga consigo, ao ocupar esta função, a dimensão do engano, da surpresa com o que a criança produz e a disposição para brincar (Laznik, 1997; Fernandes, 2000).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSOUN, Paul-Laurent. O Sujeito. A função metapsicológica. In: *Metapsicologia freudiana: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p. 257-282.
- BERNARDINO, Leda Mariza F.. *As psicoses não-decididas da infância: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- CORIAT, Lydia F.; JERUSALINSKY, Alfredo N.. Aspectos estruturais e instrumentais do desenvolvimento. *Escritos da Criança. Centro Lydia Coriat de Porto Alegre*. N. 4: 7-13, 2008.
- FERNANDES, Lia R. *O olhar do engano. Autismo e Outro primordial*. São Paulo: Escuta, 2000.
- FLESLER, Alba. *A psicanálise de crianças e o lugar dos pais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- FLESLER, Alba. As intervenções do analista na análise de uma criança. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. O infantil na psicanálise*. N. 40: p.18-30, 2011.
- FREUD, Sigmund. (1905) Os chistes e sua relação com o inconsciente. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol.XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. (1915) Pulsões e destino da pulsão. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Vol.1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- FREUD, Sigmund. (1920) Além do princípio do prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol.XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. (1921) Psicologia de grupo e análise do ego. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol.XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. (1926 [1925]). Inibições, sintomas e ansiedade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol.XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. (1930 [1929]). O mal-estar na civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol.XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GUELLER, Adela S. O jogo do jogo. In: GUELLER, Adela S.; SOUZA, Audrey S. L. (org.). *Psicanálise com crianças. Perspectivas teórico-clínicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013, p.153-170.

JERUSALINSKY, Alfredo. A educação é terapêutica? (parte I) in: *Psicanálise e desenvolvimento infantil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2007, p.155-160.

JERUSALINSKY, Julieta. *Enquanto o futuro não vem: a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês*. Salvador: Ágalma, 2002.

JERUSALINSKY, Julieta. *A criação da criança: brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê*. Salvador: Ágalma, 2011.

JERUSALINSKY, Julieta. Jogos de litoral na direção do tratamento de crianças em estados autísticos. *Associação Psicanalítica de Curitiba, em Revista*, n. 22: p. 77-89, 2011.

LACAN, Jacques. (1964) Desmontagem da pulsão. In: *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p.159-170.

LACAN, Jacques. (1964) A pulsão parcial e seu circuito. In: *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p.171-182.

LAZNIK, Marie-Cristine. *A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito*. Salvador : Ágalma, 2004.

LAZNIK-PENOT, Marie-Cristine Do estribilo autístico ao chiste. O caso Louise. In: *Rumo à palavra: três crianças autistas em psicanálise*. São Paulo: Editora Escuta, 1997, p.133-146.

PAVONE, Sandra. *Brinquedos e cultura: o universo lúdico na contemporaneidade*. São Paulo, 2006,149p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). PUC/SP.

ZYGOURIS, R.. A criança do júbilo. *Pulsional Revista de Psicanálise*. Ano XIII, n. 138: p. 31-46, 2000.

WINNICOTT, D. W. (1941) Observação de bebês em uma situação estabelecida. In: *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p.139-164.